

A INFLUÊNCIA DO MACHISMO EM CONSEQUÊNCIA DA EROTIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

THE INFLUENCE OF MACHISM AS A CONSEQUENCE OF THE EROTIZATION OF THE FEMALE BODY

Débora Aguiar Silva¹, Kimberly Mayanna Evangelista Santos¹, Jeslia de Jesus Soares²

¹ Alunas do curso de Psicologia pela Faculdade Promove de Sete Lagoas

² Orientadora Professora Mestre do Curso de Psicologia pela Faculdade Promove de Sete Lagoas

Resumo

Introdução: A erotização do corpo feminino é uma característica cultural que tem raízes profundas no machismo estrutural, perpetuando a objetificação das mulheres e afetando sua saúde mental e autoestima. **Objetivo:** investigar as consequências dessa erotização na vida das mulheres, analisando como se dá esse processo e seus impactos psicológicos. **Metodologia:** A metodologia adotada inclui uma pesquisa qualitativa baseada em uma revisão da literatura e análise de três vídeos do YouTube que tratam do tema. A técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) foi aplicada para interpretar os dados, que revelam como a erotização afeta a autoimagem das mulheres e as consequências psicológicas. **Resultado:** Os resultados indicam que a erotização contribui significativamente para a auto-objetificação feminina, gerando impactos emocionais como baixa autoestima, ansiedade e transtornos alimentares. **Conclusão:** Conclui-se que a objetificação do corpo feminino é uma prática sustentada pelo machismo e que políticas públicas e ações educativas são úteis para mitigar seus efeitos, promovendo a valorização das mulheres em todas as suas dimensões.

Palavras-Chave: machismo, erotização da mulher, objetificação autoimagem.

Abstract

Introduction: The eroticization of the female body is a cultural characteristic that has deep roots in structural machismo, perpetuating the objectification of women and affecting their mental health and self-esteem. **Objective:** to investigate the consequences of this eroticization in women's lives, analyzing how this process occurs and its psychological impacts. **Methodology:** The methodology adopted includes qualitative research based on a literature review and analysis of three YouTube videos that deal with the topic. The content analysis technique proposed by Bardin (2016) was applied to interpret the data, which reveals how eroticization affects women's self-image and the psychological consequences. **Result:** The results indicate that eroticization contributes significantly to female self-objectification, generating emotional impacts such as low self-esteem, anxiety and eating disorders. **Conclusion:** It is concluded that the objectification of the female body is a practice sustained by machismo and that public policies and educational actions are useful to mitigate its effects, promoting the appreciation of women in all their dimensions.

Keywords: machismo; eroticization; objectification; mental health; self-esteem.

Contato:

Debora.aguiar@soupromove.com.br

Kimberly.mayanna@soupromove.com.br

Jesliasoesares@somospromove.com.br

Introdução

A erotização do corpo feminino é um fenômeno cultural e social profundamente enraizado que afeta negativamente a percepção e o tratamento das mulheres. Este processo é amplamente promovido por vários meios de comunicação, publicidade e cultura popular, onde as imagens das mulheres são frequentemente apresentadas de forma sexualizada (Brunelli, et.al, 2023). Isto se manifesta de diversas formas, desde anúncios publicitários a filmes e programas de televisão, onde a aparência física das mulheres é enfatizada e erotizada. Esta prática não visa apenas as mulheres, mas também reforça padrões de beleza irrealistas que podem afetar negativamente a autoestima e a saúde mental das mulheres. Goldenberg (2006) observa que a erotização do corpo feminino na sociedade contemporânea é um reflexo de práticas culturais que perpetuam a objetificação e o controle sobre as mulheres, levando-as a interiorizar normas que frequentemente prejudicam sua saúde e bem-estar.

O machismo, profundamente enraizado na sociedade patriarcal, tem evoluído ao longo do tempo para sustentar a objetificação das mulheres. Historicamente, o machismo surge de estruturas sociais que sempre procuraram controlar e subjugar o corpo feminino, atribuindo à mulher um valor baseado principalmente na sua aparência e sexualidade (Foucault, 1988). Ao longo dos séculos, esta mentalidade foi perpetuada e institucionalizada em diversas formas de poder, incluindo leis, religiões e normas sociais, que reforçam a ideia de que as mulheres devem submeter-se às normas e expectativas masculinas. Estudos históricos mostram que o machismo continua a moldar as percepções e atitudes em relação às mulheres, afetando negativamente a sua autoestima fazendo com que se sintam inadequadas e insuficientes, limitando as suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional (Wolf, 1992). Ou seja, o machismo não só válida, mas também incentiva a erotização do corpo feminino como forma de manter o controle sobre as mulheres e garantir a sua posição subordinada na sociedade.

Este artigo pretende investigar as consequências da influência do machismo sobre os corpos femininos, verificando as consequências da objetificação das mulheres, as imposições de padrões irreais e suas repercussões. A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa e uma pesquisa exploratória. Com base em Bardin (2016), a pesquisa exploratória busca um entendimento inicial de fenômenos complexos e pouco investigados, muitas vezes em temas onde as relações ainda não estão bem definidas, tal revisão bibliográfica busca proporcionar uma compreensão aprofundada sobre o tema da erotização do corpo feminino sob a ótica do machismo. A pesquisa qualitativa permite investigar fenômenos sociais complexos e subjetivos, como a objetificação feminina, enquanto a pesquisa exploratória auxilia no mapeamento de novas perspectivas teóricas e práticas sobre o assunto (Minayo, 2017). Para tal, será realizada uma revisão de literatura com base em artigos científicos das plataformas Scielo, Google acadêmico, PePSic, dentre outros, complementada pela análise de 3 vídeos da plataforma YouTube que retratam a influência do machismo em consequência da erotização do corpo feminino, visando compreender as representações e impactos dessas ações para as mulheres na sociedade contemporânea.

A inovação social refere-se à implementação de novas ideias e práticas que visam solucionar problemas sociais complexos de maneira inclusiva e colaborativa (Cajaiba-Santana, 2014). Para esta pesquisa se torna um elemento crucial para enfrentar o problema da erotização do corpo feminino e suas consequências, propondo mudanças que possam mitigar a objetificação. Essas novas estratégias podem abranger desde iniciativas educacionais até políticas públicas que valorizem as mulheres por suas habilidades e caráter, em vez de sua aparência física.

Além disso, a objetificação e erotização do corpo feminino têm impactos profundos no bem-estar psicológico das mulheres, muitas vezes levando a sentimentos de inadequação, baixa autoestima e outras questões de saúde mental. De acordo com Fredrickson e Roberts (1997), a exposição constante a imagens sexualizadas gera um processo de auto-objetificação nas mulheres, que internalizam a visão de seu corpo como objeto a ser avaliado, impactando negativamente sua saúde mental e emocional. Estudos indicam que uma parcela significativa das mulheres sofre com essa pressão: Grabe, Hyde e Lindberg (2007) apontam que mais de 50% das mulheres relataram insatisfação com sua aparência, o que pode desencadear problemas como transtornos

alimentares, ansiedade e depressão.

Portanto, ao evidenciar as consequências negativas da erotização do corpo feminino, este estudo também busca conscientizar sobre a necessidade de formulações de políticas públicas e estratégias educativas que promovam a valorização das mulheres em sua totalidade, considerando suas capacidades intelectuais, emocionais e sociais, em vez de reduzi-las a objetos de desejo, buscando a possibilidade de demonstrar tais consequências e influências que os padrões tradicionais praticados tem sobre a erotização e objetificação das mulheres.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como a influência do machismo tem contribuído para a perpetuação da erotização do corpo feminino e quais são suas implicações para as mulheres na sociedade. Além disso, é fundamental explorar estratégias para criar ambientes de apoio que possam mitigar esses impactos negativos e ao evidenciar as consequências negativas da erotização do corpo feminino, este estudo pode contribuir para a formulação de políticas públicas e ou estratégias educativas que promovam a valorização das mulheres por suas habilidades e caráter, não apenas pela aparência.

Desenvolvimento infantil e a construção da imagem do corpo da mulher

O desenvolvimento infantil e a construção da imagem do corpo da mulher são processos complexos e interligados, influenciados por uma variedade de fatores físicos, emocionais, cognitivos e sociais. Desde o início da infância, as mulheres são pressionadas a atender expectativas sociais e culturais específicas sobre como devem se comportar, vestir e interagir, moldando assim sua autoimagem e percepção corporal. (Beauvoir, 2016)

O desenvolvimento cognitivo infantil é um processo complexo, conforme destacado por diversos estudiosos. Jean Piaget (1975) propôs que o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre em estágios sequenciais gradativos, nos quais elas constroem uma compreensão do mundo ao seu redor. Segundo Piaget, o egocentrismo é uma característica marcante do pensamento infantil, onde a criança tende a acreditar que todos veem o mundo da mesma maneira que ela. Yves, Marta e Heloysa (Taille, et al., 1992) explicam que nessa fase, a criança adota a postura de um adulto, acreditando que tal pensamento vem dela mesma. Assim, as meninas aprendem desde cedo, em seu

convívio social, a se comportar e a se vestir de determinadas maneiras, acreditando que essas ações são originadas de suas próprias vontades.

Nas brincadeiras, as crianças reproduzem papéis domésticos e de cuidados, destacando a importância de se manterem sempre arrumadas e interessantes, tal fator pode limitar suas oportunidades e campos de habilidades e interesses. Vygotsky (1978) enfatiza a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo, sugerindo que a aprendizagem ocorre num contexto social e cultural. Segundo Vygotsky, "o desenvolvimento cognitivo é amplamente influenciado pelas interações com outros indivíduos e pelo contexto cultural em que a criança está inserida". Para as meninas, essas interações com pais, professores e colegas levam à internalização de normas e expectativas que reforçam a objetificação e a erotização do corpo feminino desde a infância.

A transição da infância para a feminilidade é marcada por um sentimento de metamorfose dolorosa e difícil. Beauvoir argumenta que as meninas suportam essa transformação "não somente na vergonha, mas também no remorso" (Beauvoir, 2016). A internalização das normas machistas faz com que a evolução natural de seu corpo e mente seja vista como algo vergonhoso e pecaminoso. Além disso, a construção de uma autoimagem negativa, impulsionada por comparações com ideais inatingíveis, intensifica a insegurança e a desconfiança em relação a si mesmas, perpetuando um ciclo de submissão e conformidade às expectativas sociais que limitam seu potencial e autoconfiança.

A partir do exposto, surge uma discussão sobre os ideais científicos e médicos em relação ao corpo feminino e suas consequências. Fernandes (2009), também explora o conceito "apropriação social do corpo", argumentando que a ciência desempenhou um papel essencial na elaboração de ideais sobre o corpo feminino que sustentam e reafirmam hierarquias sociais. Essa construção ideológica, aprofundada por Matos (2003) e Rohden (2001), promoveu a noção de que o corpo feminino é intrinsecamente mais frágil e, portanto, mais adequado para funções reprodutivas e de cuidado, o que legitimava e reforçava a subordinação das mulheres em relação aos homens. Através dessa ideologia, a ciência não apenas salientou, mas moldou a percepção social sobre as capacidades e papéis das mulheres, consolidando uma estrutura hierárquica de poder e objetificação de seus corpos.

As expectativas patriarcais determinam que as

mulheres sigam um padrão de pureza, docilidade, obediência, delicadeza e feminilidade, impondo uma série de proibições e tabus para que preservem sua honra diante do ideal socialmente exigido para o gênero feminino. Essa educação limitante cria um ambiente onde qualquer desejo ou comportamento que fuja do padrão preestabelecido é considerado "abominável", causando sentimento de culpa e vergonha. Em uma sociedade nitidamente machista, essa educação contribui para uma percepção distorcida de si mesmas, onde as mulheres veem seus corpos como objetos destinados a satisfazer os outros (Beauvoir, 2016).

No contexto da análise de gênero e suas interseções com a estrutura social, há uma expressão conhecida por "anatomia política" que pode ser entendida como uma metáfora para a maneira como as políticas e estruturas sociais moldam e definem as experiências e os corpos. De acordo com Fernandes (2009), a "anatomia política" refere-se ao modo como as políticas públicas e as práticas sociais estruturam e regulam os corpos, os comportamentos e as identidades. Fernandes argumenta que "a política é, portanto, um espaço onde se definem as regras sobre quem pode ter acesso a quais recursos e quais direitos" (Fernandes, 2009, p. 15). Assim, a "anatomia política" pode ser vista como uma forma de examinar como o poder e a política influenciam e controlam as diferentes esferas da vida social, moldando as normas sociais e as expectativas sobre as mulheres. Ao considerar essa perspectiva, pode-se compreender melhor como o patriarcado e os padrões corporais são construídos e sustentados por forças políticas e sociais.

Desenvolvendo-se em ambientes onde o machismo domina, o conhecimento, comportamento e crenças das mulheres tornam-se "nublados" diante das vivências. A imprecisão da opressão machista torna a luta contra ela mais complexa e dolorosa, pois as meninas não conseguem delimitar exatamente os contornos dessa opressão (Beauvoir, 2016). Por outro lado, os homens buscam a realização de seu ego, reforçando padrões que moldam a mulher de acordo com suas expectativas.

Compreender esses processos é fundamental para perceber como as influências sociais e culturais impactam o desenvolvimento das meninas, limitando suas capacidades cognitivas e emocionais e confinando-as a papéis específicos que não refletem todo o seu potencial.

Efeitos da desumanização feminina pelo machismo

A desumanização das mulheres é uma realidade

que permeia a sociedade contemporânea e tem raízes profundas no machismo estrutural. De acordo com Sousa (2017), este fenômeno consiste na redução do corpo, especialmente o feminino, a um objeto de consumo, controle e adoração, reforçando estereótipos de gênero e reafirmando constantemente, desigualdades. Segundo Gervais et al. (2020) apud Bercht e Costa (2023), a objetificação dos corpos femininos, influenciada pelo patriarcado, está presente em interações sociais através de comportamentos, toques, comentários e olhares. Em espaços públicos, os homens podem apreciar a aparência das mulheres em silêncio, mas quando expressam comentários sexuais, como "gostosa", isso serve para comunicar às mulheres que elas são vistas e percebidas apenas como objetos de desejo.

No contexto contemporâneo, o corpo feminino continua sendo um campo de batalha onde se desenrolam disputas de poder e controle. Tilio et.al (2021), evidencia como o assédio sexual nas ruas é uma manifestação clara de como a sociedade ainda vê o corpo da mulher como propriedade pública. Mulheres são frequentemente assediadas e objetificadas simplesmente por existir em espaços públicos, o que reforça a violência de gênero e reafirma desigualdade estrutural baseada no machismo.

A história das representações do corpo feminino expõe um longo percurso de controle e subordinação. De acordo com Matos e Soihet (2004), o corpo feminino foi historicamente considerado como um instrumento de procriação e foi diversas vezes silenciado por políticas fatalistas que pretendiam controlar a reprodução. Além disso, a ideia do corpo da mulher foi estruturada por discursos médicos, como citado por Tilio et.al (2021) no capítulo anterior, que reforçaram a inferioridade feminina e a necessidade de controle sobre suas funções biológicas. Essas práticas não só limitaram a autonomia das mulheres sobre seus corpos, mas também perpetuaram a ideia de que o valor da mulher reside em sua capacidade de reprodução.

A desumanização não é apenas uma questão de aparência, mas também de controle sobre o comportamento das mulheres. Tilio et.al (2021), cita também como a sociedade patriarcal impõe normas rígidas sobre como as mulheres devem se comportar em público, e qualquer desvio dessas normas pode resultar em assédio ou violência. Essa dinâmica cria um ambiente onde as mulheres estão constantemente sob vigilância, e onde seu valor é julgado com base em atender as expectativas sociais.

A mídia desempenha um papel crucial na objetificação feminina ao promover imagens idealizadas e muitas vezes inatingíveis do corpo feminino. Imagens publicitárias frequentemente retratam mulheres como objetos de desejo, perpetuando a ideia de que seu valor está intrinsecamente ligado à sua capacidade de atrair atenção masculina. Figueiredo et.al (2017) aborda como revistas e publicidade utilizam narrativas estéticas para vender uma imagem de corpo ideal que está alinhada aos interesses de consumo capitalista. Esse culto ao corpo pode criar uma pressão constante sobre as mulheres para que se conformem a esses padrões, muitas vezes sacrificando sua saúde e bem-estar. O resultado é uma sociedade onde a identidade feminina é cada vez mais associada ao corpo, impactando negativamente a autoestima, a construção da autoimagem e a saúde mental das mulheres. Esse processo de objetificação leva à desumanização da mulher, reduzindo sua identidade à sua aparência física.

A objetificação do corpo feminino se apresenta diretamente ligada à mercantilização do mesmo, Nascimento et.al (2012) abordam como o capitalismo global e a sociedade de consumo moldam as percepções do corpo feminino e como o consumo se tornou um sistema de significações, onde o corpo é tratado como um bem a ser consumido. Isso cria uma cultura onde o sucesso e a felicidade são medidos pela conformidade aos padrões de beleza, e a busca por essa conformidade se torna uma parte central da identidade feminina.

Em síntese, a desumanização do corpo feminino é uma manifestação clara do machismo estrutural, que busca ter controle e objetificar as mulheres, limitando suas possibilidades e autonomia. Este processo está profundamente enraizado em práticas culturais, midiáticas e institucionais que preservam tal estrutura. Contudo, a resistência a esse processo de desumanização é fundamental para a desconstrução do machismo. Movimentos feministas e de empoderamento corporal têm surgido como resposta a essa opressão, promovendo a aceitação dos corpos em todas as suas formas e tamanhos, e desafiando os padrões estéticos impostos pela sociedade patriarcal. Através de protestos, campanhas de conscientização e a promoção de políticas públicas, as feministas têm enfatizado a necessidade de reconhecer e enfrentar a objetificação feminina como uma questão estruturante nas sociedades patriarcais. Esse esforço contínuo visa transformar normas sociais prejudiciais e criar um ambiente mais seguro e igualitário para todas as mulheres (Veiga, 2019).

Frutos do machismo na erotização do corpo da mulher

A erotização do corpo feminino é um fenômeno amplamente influenciado pelo machismo, que transforma a imagem da mulher em um objeto de desejo e controle. Segundo Lourenço (2023) a objetificação perpetuada pela mídia, publicidade e cultura popular, constantemente reforçam a ideia de que o valor de uma mulher está intrinsecamente ligado à sua aparência física e ao apelo sexual que ela exerce. Fredrickson e Roberts (1997), em sua Teoria da Objetificação, salientam que reduzir a mulher a um objeto sexual não apenas a desumaniza, mas também traz consequências significativas para sua saúde mental, incluindo aumento da ansiedade e insatisfação corporal. Tal pressão para se encaixar a padrões de beleza muitas vezes inatingíveis torna-se um fardo constante para as mulheres, que são ensinadas a avaliar seu próprio valor com base em sua capacidade de atender às expectativas estéticas a elas impostas.

Essa imposição de padrões de beleza não é apenas uma questão superficial, mas tem profundas implicações psicológicas e sociais. Moore (2015) destacou que a exposição constante a imagens de corpos femininos idealizados na mídia tende a contribuir para a diminuição da autoestima das mulheres, além de fomentar uma relação disfuncional com seus próprios corpos.

A internalização acontece por meio da difusão dos meios midiáticos e pela influência de pares que estimulam a busca por cirurgias plásticas estéticas (Franco 2022 apud. Amanda NERINI; Camilla MATERA; Cristina STEFANILE, 2014). Nessa perspectiva, a cirurgia bariátrica é simbolizada como a conquista da beleza, pois parte do pressuposto de que resultará na magreza (Franco, 2022, p. 8).

A cultura patriarcal não só dita o que é considerado belo, mas também utiliza desses padrões para controlar e oprimir as mulheres, limitando suas oportunidades em várias esferas da vida.

A naturalização da violência sexual é outro fruto amargo do machismo diante do processo de erotização do corpo feminino. Ao transformar o corpo da mulher em um objeto sexual, a sociedade cria um ambiente em que a violação de limites e a invasão da privacidade se tornam justificáveis, ou ao menos toleráveis. Garcia (2020) argumenta que a cultura do estupro é amplamente alimentada pela objetificação das mulheres, e ao buscar a culpabilização da vítima de abuso ao invés do agressor, acaba por corroborar ainda mais tais ações. Essa atitude não só reafirma a violência,

mas também enfraquece os direitos das mulheres à autonomia sobre seus próprios corpos, contribuindo para uma cultura onde a violência contra as mulheres é normalizada. “A mulher aqui fica reduzida a um corpo, que deve ser visto e apreciado, mas que não deve se constituir como instrumento de luta “ (Sousa, 2018)

A erotização do corpo feminino também tem implicações negativas no ambiente profissional e educacional, pois as mulheres são frequentemente avaliadas por sua aparência ao invés de suas habilidades ou intelecto. Rutherford (2021) explora como os estereótipos de gênero, alimentados pela sexualização das mulheres, tendem a criar barreiras significativas para o desenvolvimento profissional e pessoal das mulheres. Elas enfrentam dificuldades para serem respeitadas em suas carreiras, muitas vezes direcionadas a papéis secundários ou sexualizadas de forma inadequada, que além de limitar suas oportunidades de progresso, também reforça a ideia de que o seu valor está em sua aparência, e não em suas capacidades intelectuais ou profissionais. Segundo Tabassum (2022), esse ambiente de trabalho e educacional hostil contribui com a desigualdade e impede que as mulheres alcancem seu pleno potencial.

Por fim, é importante reconhecer que os frutos do machismo na erotização do corpo feminino afetam grande parte da sociedade feminina. Bell Hooks (2000) argumenta que a opressão de gênero é uma ferramenta poderosa para manter o status quo patriarcal, onde as mulheres são sistematicamente desvalorizadas e controladas. A mudança dessa realidade exigiria uma transformação cultural profunda, que envolveria não apenas a desconstrução dos ideais machistas, já que, além dos mesmos, existe toda uma estrutura palpável fortalecendo essa situação. Assim, de acordo com Sousa (2018) a mídia sustenta, reafirma e normaliza essa posição, abrangendo também aspectos econômicos, políticos, sociais e legais.

A mídia como símbolo do alicerce machista

A mídia, em suas mais diversas formas, tem desempenhado um papel fundamental na perpetuação de estereótipos de gênero, atuando como uma das bases que sustentam o machismo estrutural. Sousa (2018) afirma que a partir de narrativas que reforçam a objetificação e a erotização do corpo feminino, a mídia contribui para a manutenção de uma cultura patriarcal, em que a imagem da mulher é frequentemente reduzida a um produto de consumo visual. A publicidade, em particular, desempenha um papel central nesse processo, utilizando corpos femininos como

ferramentas de venda, o que evidencia uma clara exploração da sexualidade feminina para fins comerciais.

Um exemplo clássico dessa dinâmica pode ser observado em propagandas de cerveja, nas quais o corpo da mulher é apresentado de forma hipersexualizada, servindo como um atrativo para o público masculino. Essas representações reforçam a ideia de que o valor da mulher está diretamente relacionado à sua aparência e capacidade de agradar ao olhar masculino. Pesquisas mostram que, embora haja avanços em algumas campanhas, o padrão de objetificação ainda é predominante, perpetuando uma visão distorcida do feminino (Lourenço, 2022).

Além de 213 propagandas de cerveja no YouTube, também foram analisadas reportagens da mídia e 99 ações abertas contra a indústria cervejeira no Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), órgão responsável por avaliar denúncias e reclamações sobre o conteúdo publicitário. O período analisado entre 2012 e 2017 foi marcado por uma tendência de perda de legitimidade de práticas sexistas que passaram a ser fortemente contestadas. (Candido, S. E. A. et al, 2022, p. 9)¹

O sociólogo Pierre Bourdieu, em suas análises sobre poder simbólico, ressalta que a mídia não apenas reflete a sociedade, mas também molda e reforça suas estruturas de dominação. No contexto do machismo, isso significa que as mídias ajudam a manter as relações desiguais de poder entre homens e mulheres, através de representações que reforçam a subordinação feminina e a superioridade masculina (Bourdieu, 2005).

Vale destacar, ainda, que a internet e as redes sociais, embora ofereçam espaços de resistência e contraponto, também reproduzem muitos dos padrões observados na mídia tradicional. Plataformas como Instagram e TikTok são frequentemente palco para a exibição de corpos femininos sob a lente da erotização, com algoritmos que incentivam a visualização e disseminação de conteúdos que reforçam esses estereótipos. Como aponta Candido et al. (2022), a transformação da representação feminina nesses espaços é limitada e muitas vezes refém dos interesses comerciais.

Em suma, ao erotizar e objetificar o corpo feminino, a mídia sustenta uma estrutura simbólica que naturaliza a inferiorização da mulher. Embora existam movimentos e iniciativas que buscam

reverter essa lógica, a transformação de representações midiáticas continua sendo um desafio fundamental para a desconstrução do machismo e a construção de uma sociedade mais igualitária.

Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica e exploratória para investigar a influência do machismo sobre a erotização do corpo feminino. A metodologia aplicada é adequada para compreender fenômenos sociais e culturais complexos, uma vez que a pesquisa qualitativa permite uma análise detalhada das representações e discursos envolvidos (Minayo, 2017). O uso de uma revisão bibliográfica, somada à análise de vídeos relevantes, oferece uma visão abrangente do tema, permitindo a identificação de padrões, impactos e consequências da erotização feminina no contexto machista.

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para tratar os dados obtidos a partir da revisão bibliográfica, inspirando-se na técnica de análise proposta por Bardin (2016). A análise de conteúdo, segundo Bardin (2016, p. 47) “O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens, possibilitando a interpretação de seus significados explícitos e implícitos”. Esta metodologia é estruturada em três fases: a pré-análise, que envolve a organização e seleção dos materiais; a exploração do material, onde são codificados e categorizados os dados; e o tratamento e interpretação dos resultados. Neste estudo, a análise de conteúdo permitiu identificar padrões temáticos recorrentes e categorias de análise que evidenciaram as principais formas de erotização e objetificação do corpo feminino, assim como suas consequências psicológicas. A técnica de Bardin possibilita a interpretação das mensagens implícitas e explícitas nos textos e nos materiais audiovisuais, oferecendo uma leitura crítica dos discursos que perpetuam o machismo e a objetificação.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas plataformas Scielo, Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), e literatura especializada. As palavras-chave utilizadas na busca foram: "machismo", "erotização da mulher", "objetificação" e "autoimagem". Foram adotados critérios específicos para a seleção de materiais: artigos publicados entre os anos de 2016 a 2024

¹ CANDIDO, S. E. A. et al., v. 29, p. 9, 2022. Disponível em:

foram priorizados, a fim de garantir a contemporaneidade das discussões. Além disso, os artigos precisavam abordar diretamente a influência do machismo na construção da imagem corporal feminina e seus efeitos socioculturais e psicológicos. Artigos duplicados ou que não apresentavam relevância direta com a questão do machismo e da erotização foram descartados. Após a exclusão de publicações redundantes e sem aderência ao tema 15 foram selecionados, e apenas 10 artigos irão compor o quadro apresentado em anexo, que fundamentam nossa análise de acordo com a temática abordada.

Durante o processo de revisão de literatura, foi constatada uma dificuldade em encontrar materiais que tratassem diretamente da interseção entre machismo e erotização do corpo feminino. Embora existam estudos sobre machismo e objetificação feminina, poucos abordam esse fenômeno de forma aprofundada, especialmente no que diz respeito às inovações sociais que visam combater essa realidade. Como já citado anteriormente (Cajaiba-Santana, 2014), inovações sociais são intervenções que buscam responder a desafios sociais ao propor soluções mais inclusivas, colaborativas e sustentáveis, sendo, portanto, essenciais para pesquisas como esta, que investigam como transformações sociais podem ser catalisadas para enfrentar a erotização feminina.

No que tange à pesquisa exploratória, foi realizada uma análise qualitativa de três vídeos disponíveis na plataforma YouTube, os quais foram escolhidos por abordarem diretamente a relação entre machismo, assédio sexual e objetificação feminina. Os vídeos selecionados são: "As Mulheres Relatam Histórias de Assédio Sexual", "Primeiro Assédio" e "Entenda a Relação Entre Machismo e a Objetificação do Corpo da Mulher". Esses vídeos foram analisados com base em suas narrativas, representações e depoimentos de mulheres sobre suas experiências de assédio e erotização, oferecendo uma perspectiva empírica que complementa os achados teóricos da revisão literária.

A revisão de literatura e a análise exploratória foram conduzidas com o objetivo de identificar como o machismo contribui para a perpetuação da erotização do corpo feminino. O processo de seleção envolveu a exclusão de artigos que não

abordavam diretamente o papel do machismo na construção social da imagem corporal, especialmente aqueles focados unicamente em questões de estética e saúde física, sem conectar esses temas às dinâmicas de poder patriarcais. Esse critério garantiu que as fontes selecionadas fossem consistentes com o escopo do estudo, abordando não só a erotização, mas também o papel do machismo na objetificação e controle do corpo feminino.

Na análise dos vídeos, buscou-se identificar padrões de comportamento e discursos comuns entre as mulheres que relataram suas experiências. A fala de cada participante foi analisada à luz das teorias feministas e psicológicas, como a Teoria da Objetificação (Fredrickson e Roberts, 1997), que discute os efeitos negativos da redução das mulheres a objetos de desejo. Por exemplo, no vídeo "Primeiro Assédio", muitas participantes relataram que o assédio ocorreu em idades muito jovens, evidenciando como a erotização do corpo feminino é imposta às meninas desde cedo, o que reflete a naturalização dessa prática na sociedade patriarcal.

Além disso, a análise exploratória focou em como as mulheres internalizam as expectativas impostas sobre seus corpos, conforme apontado por Beauvoir (2016), que descreve a transição para a feminilidade como marcada pela vergonha e pela pressão de se conformar aos padrões de beleza e comportamento. Nos vídeos analisados, as mulheres relatam sentir culpa e vergonha por seus corpos, o que é reforçado pela mídia e pela cultura popular, que impõem um controle sobre suas aparências.

Por fim, é importante destacar que a combinação de revisão bibliográfica e pesquisa exploratória permitiu uma análise crítica e contextualizada do fenômeno em questão. O uso de vídeos como fontes complementares de análise foi essencial para compreender o impacto do machismo na vida das mulheres de forma mais ampla, indo além da literatura acadêmica e incorporando as vivências pessoais e coletivas. Isso fortaleceu os argumentos propostos e possibilitou a construção de uma metodologia relevante para a compreensão do tema. As tabelas a seguir organizam de forma clara o material utilizado, facilitando a compreensão e a análise do conteúdo investigado.

Quadro 1 - Demonstrativos dos estudos selecionados

Autor(es)	Título	Tema Principal	Contribuição para o Estudo
BEAUVOIR, Simone de, 2016	O Segundo Sexo	Opressão e construção do corpo feminino na sociedade patriarcal	Explora como a sociedade patriarcal define a mulher e seu corpo como "o outro", fornecendo uma base teórica essencial para discutir a erotização e objetificação do corpo feminino.
FOUCAULT, Michel, 1993	História da sexualidade I: A vontade de saber	Poder e controle sobre a sexualidade	Discutir as relações entre poder e sexualidade, sendo fundamental para a compreensão de como o machismo se manifesta por meio da erotização do corpo feminino.
HOOKS, Bell, 2000	Teoria feminista: da margem ao centro	Feminismo e interseccionalidade	Uma perspectiva crítica sobre o feminismo e a marginalização de certas mulheres, essencial para entender as diferentes formas de opressão e objetificação.
VYGOTSKY, L.S., 1978	A Formação Social da Mente	Desenvolvimento social e cultural da mente	Ajuda a entender como as construções sociais, incluindo a erotização, afetam o desenvolvimento psicológico das mulheres.
WOLF, Naomi, 1992	O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres	Padrões de beleza e controle sobre as mulheres	Críticas como os padrões de beleza são usados como forma de controle sobre as mulheres, reforçando a objetificação e erotização do corpo feminino.
FREDRICKSON, Barbara L.; ROBERTS, Tomi-Ann, 1997	Teoria da objetificação: Rumo à compreensão das experiências vividas pelas mulheres e dos riscos à saúde mental	Teoria da objetificação e seus impactos psicológicos	Oferece uma base teórica para discutir como a objetificação das mulheres relacionadas à sua saúde mental e contribui para a baixa autoestima.
GARCIA, Luiz Carlos, 2020	Cultura do estupro: Machismo e as raízes da violência de gênero no Brasil	Cultura do estupro e violência de gênero	Aborda o machismo e a cultura do estupro no Brasil, fornece contexto para as discussões sobre a erotização do corpo feminino no país.
TABASSUM, Naznin; NAYAK, Bhabani Shankar, 2021	Estereótipos de gênero e seu impacto nas progressões de carreira das mulheres de uma perspectiva gerencial	Estereótipos de gênero no ambiente de trabalho	Explorar como os estereótipos de gênero afetam a vida profissional das mulheres, conectando-se à discussão sobre objetificação e desumanização.
LOURENÇO, B.S., 2023	O papel das mulheres nas propagandas de cerveja e a importância da crítica feminista	Objetificação das mulheres em propagandas	Analisar como a mídia e a publicidade direcionadas para a perpetuação da objetificação feminina, reforçando o machismo.
SOUSA, M. DE O. DE; SIRELLI, P.M., 2018	Nem santa, nem pecadora: novas roupas, velhas dicotomias na coisificação da mulher	Coisificação da mulher e dicotomias de gênero	Explora como a dicotomia entre "santa" e "pecadora" perpetua a coisificação das mulheres, contribuindo para o debate sobre a erotização e o controle do corpo feminino.

Quadro 2 - Demonstrativo de vídeos selecionados.

Título do Vídeo	Link	Conteúdo Abordado	Principais Padrões e Categorias Analisadas	Relevância para a Pesquisa
As Mulheres Relatam Histórias de Assédio Sexual.	As mulheres relatam...	Mulheres compartilham suas experiências de assédio sexual em diferentes contextos sociais e profissionais.	Assédio sexual; Traumas psicológicos; Padrões de comportamento.	Evidência da relação entre assédio e erotização imposta às mulheres, mostrando as consequências emocionais e sociais.
Primeiro Assédio.	Primeiro assédio...	Relatos sobre as primeiras experiências de assédio, especialmente em idades muito jovens, mostrando como o machismo e a erotização afetam meninas e adolescentes.	Assédio na infância/adolescência; Normalização da erotização de meninas; Consequências psicológicas.	Reforça como a erotização do corpo feminino começa desde cedo e é naturalizada socialmente, impactando o desenvolvimento psicológico.

Entenda a Relação Entre Machismo e a Objetificação do Corpo da Mulher.	Entenda a relação...	Discussão sobre como o machismo está intimamente ligado à objetificação do corpo feminino, explorando as causas e efeitos desse específico no contexto sociocultural.	Machismo e objetificação; Controle social do corpo feminino; Expectativas e imposições estéticas.	Contribui para a compreensão de como o machismo é um fator estruturante de objetificação e erotização do corpo da mulher na sociedade contemporânea.
--	----------------------	---	---	--

Resultados

Observou-se que boa parte dos estudos que integram o corpus da pesquisa foram publicados entre os anos de 2016 e 2024, nota-se um aumento da produção científica sobre a influência do machismo na erotização do corpo feminino, porém ainda pequena, visto a dificuldade de encontrar publicações mais específicas e recentes. Isso reforça que o tema ainda tem muito a ser explorado e novas investigações sobre as implicações psicológicas e sociais da erotização feminina no contexto machista podem surgir.

Em termos de publicação, foram incluídos cinco livros, cinco artigos de revistas acadêmicas e três vídeos, demonstrando um envolvimento ainda pequeno da comunidade acadêmica em explorar e aprofundar o tema, que se mostra atual e relevante para a pesquisa científica.

Na análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Esse método é compreendido como um conjunto de técnicas que possibilitam a análise e revisão de informações qualitativas, com o objetivo de desenvolver informações textuais. Para aplicar essa técnica, foram realizadas: pré-análise, a partir de uma leitura flutuante dos estudos selecionados, estabelecendo contato e familiarização com o conteúdo analisado; categorização dos estudos; e interpretação dos resultados. Após a leitura inicial, o corpus foi explorado mais profundamente, envolvendo uma categorização dos materiais (Bardin, 2016).

Durante o processo, as pesquisas foram identificadas e categorizadas de maneira que pudessem obter uma compreensão mais abrangente dos conteúdos apresentados nos dados analisados. Bardin (2016) define categoria como um conjunto de unidades de sentido que reúne semelhanças de conteúdo, permitindo a organização e interpretação dos dados de forma sistemática.

Com base nos estudos, surgiram três categorias: “Olhares da influência do machismo sobre a erotização do corpo feminino”; “Impacto do machismo aos danos emocionais; um olhar analítico a partir das vivências femininas”; e

“Estratégias como fonte de promoção e prevenção a saúde do corpo feminino”. Essas três categorias serão apresentadas, provas e discutidas a seguir.

Discussão

Diversos olhares da influência do machismo sobre a erotização do corpo feminino

A influência do machismo sobre a erotização do corpo feminino é um fenômeno complexo e multifacetado que atravessa diferentes contextos históricos, culturais e sociais. Diversos autores ao longo do tempo têm examinado como esses processos afetam o desenvolvimento e a percepção de identidade das mulheres, especialmente desde a infância. Simone de Beauvoir (2016) argumenta que a construção da imagem da mulher é moldada por expectativas patriarcais que reforçam a fragilidade e a submissão feminina. Essa construção cria um cenário onde a erotização se torna uma forma de controle sobre o corpo e a identidade feminina, limitando sua autonomia e individualidade.

Jean Piaget (1975) contribuiu para a compreensão do desenvolvimento infantil ao propor que as crianças passam por estágios cognitivos, nos quais formam concepções de mundo baseadas em experiências e interações. Para as meninas, essas interações, mesmo em tenra idade, incluem mensagens sociais que destacam a importância de seu corpo e aparência. Em sociedades onde o machismo está arraigado, essas crianças aprendem a se identificar com papéis que reforçam sua atratividade como elemento central de valor. Assim, a erotização do corpo feminino começa a se delinear desde cedo, onde a autoestima passa a depender da aprovação externa.

O psicólogo Lev Vygotsky (1978) enfatizou a importância do ambiente social no desenvolvimento, propondo que a aprendizagem ocorra em contextos interativos. A socialização das meninas inclui a internalização de normas que reforçam a ideia de que seu corpo deve ser moldado para agradar e atrair olhares. Essa socialização gera uma conformidade com padrões estéticos e comportamentais que, embora venham de fora, são percebidos como próprios pelas meninas. A análise dos vídeos "Primeiro Assédio" e

"As Mulheres Relatam Histórias de Assédio Sexual" evidencia essa realidade. Nele, muitas participantes relataram que o assédio ocorreu em idades muito jovens, refletindo como a erotização do corpo feminino é imposta desde cedo, naturalizando práticas prejudiciais na sociedade patriarcal.

A erotização do corpo feminino torna-se mais evidente à medida que as meninas crescem e são expostas a imagens idealizadas na mídia, redes sociais e publicidade. Gervais et al. (2020) exploraram como a exposição a essas imagens aumenta a autovigilância e a insatisfação corporal entre as mulheres. Ao reforçar o machismo e padrões estéticos rígidos, a mídia contribui para que a erotização do corpo feminino seja aceita como norma social, pressionando as mulheres a buscar uma estética que, muitas vezes, não corresponde a uma realidade saudável.

A teoria da objetificação, desenvolvida por Fredrickson e Roberts (1997), oferece uma perspectiva importante nesse contexto. Segundo essa teoria, as mulheres são socializadas para internalizar uma visão externa de seus corpos, observando-se como objetos a serem julgados. Essa objetificação é acentuada pelo machismo estrutural, que se manifesta em expectativas sobre aparência e comportamento feminino. No vídeo "Entenda a Relação Entre Machismo e a Objetificação do Corpo da Mulher", a discussão revela como o machismo está intimamente ligado à objetificação do corpo feminino, explorando causas e efeitos dessa problemática no contexto sociocultural contemporâneo.

De acordo com Fernandes (2009), as práticas sociais e médicas desempenharam um papel crucial na construção da percepção do corpo feminino como propriedade pública. A ideia de que o corpo feminino é frágil e inadequado para funções fora do lar consolidou uma visão de submissão que se estendeu à erotização. Essa visão foi perpetuada ao longo do tempo, socializando as mulheres para aceitar padrões de comportamento e aparência que reforçam a hierarquia de gênero. Fernandes descreve esse fenômeno como "anatomia política", referindo-se ao controle exercido pelo patriarcado sobre o corpo feminino como uma forma de garantir a manutenção das relações de poder.

O processo de erotização e objetificação do corpo feminino afeta diretamente a identidade e autoestima das mulheres. Bell Hooks (2000) argumenta que o patriarcado se vale da erotização para reduzir a mulher a um corpo, desconsiderando seu potencial intelectual e criativo. As narrativas

dos vídeos analisados corroboram essa perspectiva ao relatar experiências de assédio que não apenas ferem a dignidade feminina, mas também têm consequências amplas e prejudiciais, desumanizando a figura da mulher e impondo uma autopercepção voltada para a aparência.

Essas experiências também revelam padrões de comportamento e discursos comuns entre as mulheres, indicando que a erotização é uma prática socialmente normalizada. Os relatos no vídeo "As Mulheres Relatam Histórias de Assédio Sexual" mostram como o assédio e a erotização não apenas afetam a autoestima, mas também geram traumas emocionais duradouros, que podem impactar diversas esferas da vida das mulheres.

Por fim, a objetificação e a erotização do corpo feminino sustentam-se como elementos estruturais do machismo que impactam profundamente a identidade e a autoestima das mulheres. Os movimentos feministas, como resposta a essas dinâmicas, lutam para desconstruir padrões e valorizar a mulher em sua totalidade. Essa luta é essencial para promover o empoderamento e o resgate da autonomia feminina em relação ao próprio corpo e identidade, combatendo a objetificação e a erotização que permeiam a sociedade contemporânea.

Impacto do machismo aos danos emocionais: um olhar analítico a partir das vivências femininas

O machismo, enquanto estrutura social profundamente enraizada, tem um impacto significativo sobre a saúde mental das mulheres, gerando uma série de danos emocionais que afetam suas vivências diárias. A análise de vídeos que abordam essa temática revela como a objetificação e a erotização do corpo feminino estão ligadas a experiências traumáticas que moldam a vida emocional das mulheres. Conforme afirma Bell Hooks (2000), "a opressão de gênero é uma ferramenta poderosa para manter o status quo patriarcal", evidenciando que o machismo não apenas define as normas sociais, mas também tem consequências devastadoras para as mulheres.

A vivência do machismo, por muitas mulheres, se traduz em uma sensação de inadequação e desvalorização, levando a sérios problemas de autoestima e autoconfiança. Nos vídeos analisados, é possível observar depoimentos que revelam a luta diária das mulheres para atender a padrões de beleza impostos pela sociedade. Segundo Fredrickson e Roberts (1997), a objetificação feminina provoca um estado de vigilância constante sobre o próprio corpo,

resultando em sentimentos de ansiedade e insatisfação. Essa pressão, exacerbada por mídias que propagam ideais inatingíveis de beleza, pode levar a quadros de depressão e distúrbios alimentares, reforçando um ciclo vicioso de autocrítica e sofrimento emocional.

Outro aspecto crucial abordado nos vídeos é a naturalização do assédio sexual, que se torna uma experiência cotidiana para muitas mulheres. A desumanização do corpo feminino, como discutido por Sousa (2018), gera um ambiente em que a mulher é vista como um objeto de desejo, desconsiderando sua individualidade e dignidade. A normalização do assédio, refletida nas narrativas das mulheres, provoca não apenas danos emocionais imediatos, mas também traumas duradouros que impactam a saúde mental ao longo da vida. Tilio et al. (2021) afirmam que "a cultura do estupro é amplamente alimentada pela objetificação das mulheres", ressaltando como a sexualização do corpo feminino contribui para a violência de gênero e para a perpetuação de uma cultura de silenciamento e medo.

As interações sociais cotidianas também são afetadas pela erosão da autoimagem, onde as mulheres se veem compelidas a se adequar a estereótipos de gênero. A análise dos vídeos revela que muitas mulheres sentem que suas conquistas e habilidades são frequentemente eclipsadas pela necessidade de atender a expectativas sociais relacionadas à aparência. Como argumenta Moore (2015), a exposição constante a imagens de corpos femininos idealizados na mídia não apenas diminui a autoestima, mas também fomenta uma relação disfuncional com o próprio corpo. Este ciclo de comparação incessante e inadequação reflete, diretamente, a qualidade de vida das mulheres.

Ademais, os depoimentos nos vídeos mostram como a educação e a socialização contribuem para a internalização de normas machistas, levando as mulheres a desenvolverem uma autocobrança intensa. Em muitos casos, essa cobrança se manifesta na forma de culpa e vergonha por não se enquadrarem nos padrões esperados. Se desenvolver nessa cultura, cria uma situação onde as mulheres são frequentemente ensinadas a se submeter, limitando suas oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A internalização dessas normas, segundo Fernandes (2009), resulta em um "aprimoramento social do corpo", onde as mulheres são condicionadas a ver seus corpos como objetos destinados a agradar aos outros, gerando um profundo sentimento de inadequação e insatisfação.

A análise dos vídeos também destaca a

importância do apoio emocional entre as mulheres, que se organizam em grupos de acolhimento e empoderamento. Esse suporte é fundamental para a reconstrução da autoestima e da saúde mental, permitindo que as mulheres compartilhem suas experiências e encontrem força na coletividade. Conforme Sousa (2017), "a solidariedade entre as mulheres é uma forma de resistência ao machismo", proporcionando um espaço seguro onde as vivências podem ser discutidas e compreendidas sem o peso do julgamento social.

A resistência à objetificação e à erotização do corpo feminino é um elemento central na luta das mulheres por autonomia e saúde mental. Os vídeos analisados evidenciam que, ao desafiar as narrativas dominantes, as mulheres estão não apenas reclamando seus direitos, mas também reconstruindo suas identidades de forma a priorizar seu bem-estar emocional. Como argumenta Garcia (2020), é crucial que as mulheres sejam vistas como sujeitos de suas histórias e não como meros objetos a serem consumidos ou desejados.

Em síntese, os danos emocionais resultantes da objetificação, da desumanização e da imposição de padrões estéticos são profundos e, muitas vezes, invisíveis. A análise das vivências femininas, como apresentada nos vídeos, revela a urgência de uma transformação social que desafie essas normas prejudiciais e promova a valorização da saúde mental e da autonomia das mulheres. Este processo não é apenas um ato de resistência, mas uma luta coletiva por dignidade, reconhecimento e empoderamento.

As estratégias como fonte de promoção e prevenção a saúde do corpo feminino

A desconstrução do machismo e da objetificação do corpo feminino necessita de implementações de estratégias voltadas para programas e intervenções que possam promover a saúde e o bem-estar das mulheres. A cultura machista, profundamente enraizada na sociedade, mantém a ideia de que o valor das mulheres está intrinsecamente ligado à sua aparência. Diante desse contexto, a educação crítica desempenha um papel fundamental, conforme destaca Bell Hooks (2000), abrir espaços de diálogo para problematizar as violências e opressões enfrentadas pelas mulheres. Trazendo assim, discursos capazes de gerar uma nova consciência social diante do tema.

É evidente que os programas de saúde mental deveriam ser integrados às iniciativas de promoção da saúde do corpo feminino. Pesquisas indicam que a erotização do corpo feminino está associada a problemas como baixa autoestima e transtornos

de ansiedade (Wolf, 1992; Moore, 2015). Portanto, a implementação de serviços de apoio psicológico, que ofereçam terapia e grupos de apoio, pode ser uma estratégia valiosa para ajudar as mulheres a lidarem com os impactos emocionais da objetificação. Serviços esses que deveriam ser de fácil acesso e adaptados às particularidades de cada comunidade, garantindo que as mulheres tenham a oportunidade de buscar ajuda sempre que necessário.

Campanhas de conscientização também são relevantes para combater a cultura do estupro e a violência. Como argumenta Garcia (2020), essas campanhas devem desnaturalizar a violência e promover uma nova narrativa sobre as experiências femininas. Ao expor os efeitos prejudiciais da objetificação e do machismo, tais campanhas podem sensibilizar parte da sociedade para a necessidade de mudanças estruturais, dando então um bom passo diante de mudanças significativas.

Estratégias como uma "revolução estética", conforme sugerido por Wolf (1992), também pode ser uma estratégia interessante na desconstrução dos padrões de beleza impostos socialmente. Essa revolução envolve a valorização da diversidade corporal. Incentivando a autoconfiança e a aceitação do próprio corpo, é possível reduzir danos psicológicos causados pela objetificação. Promoção de programas que buscam a educação sobre imagem corporal positiva, incluindo oficinas, palestras e a própria mídia, podem ser instrumentos valiosos nesse processo.

Além disso, políticas públicas relacionadas à priorização da saúde e o bem-estar das mulheres, criação de redes de apoio que ofereçam serviços de saúde mental, assistência social e orientação jurídica. Tais iniciativas são indispensáveis para garantir que as mulheres tenham acesso aos recursos necessários para enfrentar as consequências da objetificação e do machismo em suas vidas. Integrar essas estratégias em um plano mais amplo de saúde pública pode contribuir significativamente para a promoção da dignidade e empoeiramento.

Por fim, o sucesso dessas estratégias depende de um compromisso coletivo, que inclui o Estado, a sociedade e as organizações não governamentais. A colaboração entre esses grupos é essencial para garantir a eficácia dos programas e intervenções. O trabalho em conjunto possibilita criar um ambiente mais seguro e acolhedor, onde mulheres possam ser reconhecidas por suas capacidades, talentos e individualidades, e não reduzidas a objetos. Essa mudança cultural é vital na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, que promova a

saúde integral das mulheres em todas as áreas de sua vida.

Considerações finais

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam a importância de abordar o machismo e a erotização do corpo feminino como questões estruturais, profundamente arraigadas na sociedade, que acarretam impactos significativos na saúde mental e emocional das mulheres. A triangulação das informações obtidas através da revisão bibliográfica e da análise dos vídeos revelou que a objetificação feminina é um processo contínuo, que começa na infância e se estende ao longo da vida, contribuindo para danos psicológicos e emocionais, como baixa autoestima, transtornos de ansiedade e insatisfação com a própria imagem corporal (Wolf, 1992). Essas consequências são fruto de uma cultura que, segundo Foucault (1988), disciplina os corpos através de discursos de poder, impondo normas e padrões de beleza impossíveis de serem alcançados.

Os resultados das análises qualitativa e exploratória forneceram uma compreensão aprofundada das dinâmicas entre machismo e erotização do corpo feminino. O cruzamento dos dados dos artigos científicos e dos relatos contidos nos vídeos permitiu uma triangulação das informações, corroborando os efeitos negativos da erotização feminina, como baixa autoestima, ansiedade e insatisfação corporal (Moore, 2015). A análise dos vídeos trouxe uma perspectiva mais próxima da realidade das mulheres, destacando as experiências cotidianas de assédio e objetificação que são frequentemente minimizadas ou invisibilizadas pela sociedade.

Além disso, ficou evidente que as mulheres vivenciam uma constante pressão para se adequarem a esses padrões, o que não apenas afeta sua saúde mental, mas também reforça a cultura do machismo que as objetiva. Vygotsky contribuem para a compreensão desse processo ao enfatizarem que o desenvolvimento social e psicológico é moldado pelas interações e influências culturais. Quando meninas crescem em uma sociedade que valoriza mais a aparência do que a inteligência ou habilidades, elas internalizam essas expectativas, o que afeta diretamente sua autoestima e desenvolvimento emocional.

A desumanização gerada pelo machismo, conforme discutido por Foucault (1993), não apenas molda a maneira como o corpo feminino é percebido socialmente, mas também condiciona as formas de controle e poder que operam sobre ele. Essa objetificação, tratada como parte de um

sistema que reproduz desigualdades e violências simbólicas, tem efeitos diretos no comportamento das mulheres, muitas vezes levando-as a internalizar padrões inatingíveis de beleza e comportamento (Wolf, 1992). Esses padrões, impostos e reforçados socialmente, atuam como mecanismos de disciplinamento, contribuindo para a perpetuação de um ciclo de opressão e controle, como aponta Beauvoir (2016). Em síntese, a objetificação do corpo feminino, mediada por normas machistas, limita a agência das mulheres, reduzindo-as a uma condição de objeto passivo, o que traz consequências profundas para sua autonomia e saúde mental, conforme observa Sousa e Sirelli (2018).

A análise dos vídeos selecionados proporcionou uma visão vívida das experiências cotidianas das mulheres em relação ao assédio e à objetificação de seus corpos. Esses relatos reforçam o que Garcia (2020) descreve como parte da "cultura do estupro", um sistema no qual o machismo naturaliza e legitima a violência de gênero. Garcia argumenta que essa cultura, profundamente enraizada na sociedade brasileira, perpetua comportamentos de objetificação e assédio, criando um ambiente onde as mulheres são constantemente sexualizadas e seus corpos, desumanizados. A conexão entre os vídeos analisados e a obra de Garcia evidencia como o machismo institucionalizado contribui para a manutenção de uma estrutura social violenta, na qual a erotização do corpo feminino é normalizada e reforçada tanto no espaço público quanto no privado. Dessa forma, as narrativas apresentadas nos vídeos não apenas ilustram o impacto direto do machismo na vida das mulheres, mas também confirmam as raízes estruturais dessa violência, como destacadas por Garcia (2020).

Os relatos das mulheres nos vídeos também destacaram a recorrência do assédio sexual e da violência simbólica, fatores frequentemente invisibilizados ou normalizados pela sociedade. Bell Hooks (2000) argumenta que a desumanização e objetificação das mulheres são estratégias fundamentais para a manutenção da hierarquia patriarcal, que silencia essas violências e as trata como naturais ou inevitáveis. Essa análise reforça a importância de promover espaços de diálogo e educação que abordem essas questões de maneira honesta e transformadora. Hooks (2000) destaca o papel da educação crítica como ferramenta essencial para dismantelar essas estruturas opressivas e criar uma nova consciência social. A educação deveria, portanto, ser uma prioridade nas políticas públicas, bem como a implementação de programas voltados à prevenção e ao apoio à saúde mental das mulheres, combatendo os efeitos

de uma cultura que perpetua a violência de gênero.

Outro ponto importante que emergiu desta pesquisa é a necessidade de maior visibilidade e suporte para as experiências femininas, incluindo a criação de programas que valorizem o corpo feminino em sua pluralidade e diversidade. A proposta de Wolf (1992) de uma "revolução estética" é relevante aqui, pois sugere uma mudança nas narrativas sobre o corpo da mulher, que precisam deixar de ser centradas em padrões estéticos irreais e passar a reconhecer a autonomia e a agência feminina. Essa mudança é necessária não apenas para proteger a saúde mental das mulheres, mas também para desconstruir as estruturas machistas que perpetuam a objetificação.

Por fim, as considerações desta pesquisa indicam que o combate ao machismo e à objetificação do corpo feminino exige um esforço articulado entre educação, políticas públicas e conscientização social. A implementação de iniciativas voltadas para a promoção da autonomia e do bem-estar das mulheres deve ser uma prioridade, abrangendo tanto a desconstrução dos padrões estéticos irreais quanto a valorização da diversidade corporal. Somente através de uma mudança cultural, que reconheça as mulheres por sua capacidade e humanidade, e não pela aparência física, será possível mitigar os impactos negativos causados pela erotização. A construção de uma sociedade mais igualitária passa pelo reconhecimento dos danos profundos que a objetificação feminina causa e pela criação de estratégias eficazes de enfrentamento, promovendo a dignidade e a saúde integral das mulheres.

Agradecimentos

Chegar ao fim desta jornada não seria possível sem o apoio de pessoas especiais que ficaram ao nosso lado a cada passo. Nossos agradecimentos vão a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este projeto se tornasse uma realidade.

À minha dupla de projeto e querida amiga, por ser muito mais que uma parceira nessa caminhada. Nossa amizade tornou essa jornada leve e cheia de aprendizados. Dividimos não só responsabilidades, mas também risadas, momentos de superação e conquistas. Foi uma honra compartilhar essa experiência ao seu lado, e sou grata por ter feito você como minha companheira nessa etapa tão importante.

"Ao meu marido, por ser meu maior companheiro e incentivador. Obrigada por me apoiar nos momentos mais importantes, por acreditar em mim

quando eu duvidei, e por estar sempre ao meu lado, oferecendo suporte e um chão para aterrissar. À minha filha, obrigada meu amor, seu sorriso e sua compreensão foram uma força inimaginável. Que sirva de exemplo para seguir seus sonhos com coragem e determinação (Débora). ”

“Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, que sob muito sol e com todo o amor do mundo, me fizeram chegar até aqui pela sombra e água fresca. À minha irmã que mal sabe a força da sua presença na minha vida, mas que me proporciona um sopro de vida só por existir. Ao meu marido, agradeço pela paciência, suporte, parceria e amor, que mesmo com todos os desafios ao longo desses cinco anos, esteve e se mantém ao meu lado (Kimberly). ”

À nossa Isa, nosso trio de apoio constante. Sua presença ao longo dessa jornada foi fundamental, somos muito gratas por todas as conversas, conselhos e momentos de descontração que compartilhamos. Ter pessoas que enxergam a jornada com os mesmos olhos, fazem do caminho

mais fácil de ser percorrido.

Aos professores, por toda a dedicação ao longo da nossa formação. Suas orientações, palavras e ensinamentos foram fundamentais não apenas para este trabalho, mas para o nosso crescimento pessoal e profissional.

À nossa orientadora, que apareceu justamente quando estávamos perdidas e precisando de um direcionamento. Você trouxe muito mais do que simples comandos de orientação; ofereceu clareza, segurança e nos devolveu a confiança para concluir este projeto com a qualidade que ele merece. Obrigada por acreditar em nosso potencial e por sua generosidade ao compartilhar seu conhecimento.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta trajetória, muito obrigado. Este projeto reflete um pedacinho de cada pessoa que esteve ao nosso lado, e somos imensamente gratas por isso.

Referências:

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, P. O campo econômico. Política & Sociedade, v. 4, n. 6, p. 15-58, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930>>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRUNELLI, AA; et al. Representações midiáticas e erotização do corpo feminino. Revista Brasileira de Estudos Sociais, v. 3, pág. 115-134, 2023.

CÂNDIDO, S. E. A.; LOURENÇO, B. S.; SAKODA, D. M. A transformação das representações femininas em propagandas de cerveja. Gestão & Produção, v. 29, e0621, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9649-2022v29e0621>>. Acesso em: 20 set. 2024.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: Moving the field forward. Technological Forecasting and Social Change, v. 82, p. 42-51, 2014.

FERNANDES, M. das G. M. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009.

- FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRANCO, S.; VIEIRA, C. M.; OLIVEIRA, M. R. M. de. Objetificação da mulher: implicações de gênero na iminência da cirurgia bariátrica. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 3, p. e79438, 2022.
- FREDRICKSON, B. L.; ROBERTS, T. A. Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, v. 21, n. 2, p. 173-206, 1997.
- GARCIA, L. C. Cultura do estupro: machismo e as raízes da violência de gênero no Brasil. *Diké: Revista Eletrônica de Direito, Filosofia e Política do Curso de Direito da UNIPAC Itabirito*, v. 17, p. 49-59, 2020. Disponível em: <<https://www.unipac.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/08/REVISTA-DIKE-VOL.11-XVIII.pdf#page=49>>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Revista Arquivos em Movimento*, v. 2, n. 2, p. 117-140, 2006.
- GRABE, S.; HYDE, J. S.; LINDBERG, S. M. Body objectification and eating disorder development: A meta-analysis. *Journal of Clinical Psychology*, v. 63, n. 9, p. 885-899, 2007.
- HOOKS, B. Teoria feminista: da margem ao centro. London: Pluto Press, 2000.
- LOURENÇO, B. S. O papel das mulheres nas propagandas de cerveja e a importância da crítica feminista. *SciELO em Perspectiva*, 2023. Disponível em: <<https://pressreleases.scielo.org>>. Acesso em: 20 set. 2024.
- MATOS, M. I. S. de; SOIHET, R. Os silêncios do corpo da mulher. In: SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27.
- MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- MOORE, L. Body image and media. *Journal of Social Issues*, 2015.
- MOULAERT, F.; MACCALLUM, D.; MEHMOOD, A.; HAMDOUCH, A. (Eds.). *The international handbook on social innovation: Collective action, social learning and transdisciplinary research*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2013.
- MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400010>>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ROHDEN, F. A construção da diferença sexual na medicina. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, supl. 2, p. 201-212, 2003.
- RUSSELLO, S. O impacto da exposição à mídia na autoestima e satisfação corporal em homens e mulheres. *Journal of Interdisciplinary Undergraduate Research*, v. 1, n. 1, p. 4, 2009.
- SOUSA, M. de O. de; SIRELLI, P. M. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serviço Social & Sociedade*, n. 132, p. 326-345, maio 2018.
- TABASSUM, N.; NAYAK, B. S. Estereótipos de gênero e seu impacto nas progressões de carreira das mulheres de uma perspectiva gerencial. *IIM Kozhikode Society & Management Review*, v. 10, n. 2, p. 192-208, 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2277975220975513>>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*.



FACULDADES
PROMOVE

São Paulo: Harvard University Press, 1978.